

HEATHER DEMETRIOS

*Romance
tóxico*

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Heather Demetrios

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

As citações das peças *Ricardo III*, *Noite de reis* e *Macbeth* de William Shakespeare foram retiradas da tradução de Barbara Heliodora em *Teatro completo*. São Paulo: Nova Aguilar, 2016.

As citações da peça *Romeu e Julieta* de William Shakespeare foram retiradas da tradução de José Francisco Botelho em *Romeu e Julieta*. São Paulo: Penguin Companhia, 2016.

As citações da peça *Hamlet* de William Shakespeare foram retiradas da tradução de Lawrence Flores Pereira em *Hamlet*. São Paulo: Penguin Companhia, 2015.

A citação de *O alquimista* de Paulo Coelho foi retirada de *O alquimista*. São Paulo: Paralela, 2017.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL *Bad Romance*

CAPA Valerie Hegarty

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Demetrios, Heather

Romance tóxico / Heather Demetrios ; tradução Flávia Souto Maior. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: *Bad Romance*.

ISBN 978-85-5534-079-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

18-20260

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinteoficial

*Para Zach, marido, final feliz e reparador de corações partidos
(TSATMAEO)*

I want your ugly
I want your disease
I want your everything
As long as it's free
I want your love
Lady Gaga

Segundo ano

UM

Quinhentos e vinte e cinco mil e seiscentos minutos.

Foi o tempo que levei para me desapaixonar por você. Um ano. Nossa temporada de amor. Você sabe a que musical estou me referindo, não é, Gavin? Porque não tem como ser meu namorado e não saber que é óbvio, *é óbvio*, que vou citar *Rent*. Quinhentos e vinte e cinco mil e seiscentos minutos de seus lábios nos meus, de sussurros no escuro, de você me levantando e me girando no ar, tirando minha virgindade, ferrando com a minha cabeça e me dizendo que sou uma inútil, uma inútil, uma inútil.

Se eu estivesse escrevendo um musical sobre nós, começaria por onde estamos agora, pelo final. Gostaria que o público realmente entendesse como fui capaz de me apaixonar tanto por você. Garotas não se apaixonam por cretinos manipuladores que as tratam como merda e as fazem questionar seriamente suas escolhas. Elas se apaixonam por cretinos manipuladores (que as tratam como merda e as fazem questionar seriamente suas escolhas) que elas *acham* que são príncipes encantados. Você montava em seu maldito cavalo branco, um Mustang 1969, no caso, e eu pensava: “Meu herói!”. Mas estou cansada de ser uma donzela em perigo. Na minha próxima vida, vou ser uma rainha guerreira ninja fodona. E vou acabar com a raça de bostinhas como você. Vou te jogar em um calabouço e atirar a cha-

ve no fosso. Minhas *cavaleiras* vão chegar fazendo “aê!” e vou ficar sentada no meu trono, tipo, “É isso aí”.

Mas não posso ficar sonhando acordada com minha próxima vida, porque tenho que lidar com você *nesta*. Antes de terminar com você, quero refletir. Quero relembrar nossa relação, parte por parte. Quero lembrar por que estava tão loucamente apaixonada. Quero saber por que levei tanto tempo para me dar conta de que você é tóxico.

Então, vou dar uma de *Noviça rebelde* nessa merda: *Então começar do princípio, sempre o melhor lugar...*

Lá estou eu, à direita do palco, terminando o café da manhã. Estou no segundo ano do ensino médio. É inverno. Uma terça-feira, que é melhor que segunda, mas não tão boa quanto quarta. Não estamos juntos ainda, Gav, mas, como diz Alyssa, minha melhor amiga que não tem papas na língua: *morro de tesão por você*. Acabei de terminar minha torrada com manteiga de amendoim enquanto penso que no dia anterior vi você comendo um Reese’s e quis lamber o chocolate dos seus lábios. Porque seria um beijo incrível — Gavin Davis com gostinho de chocolate e manteiga de amendoim. SIM. Pensar em você me deixa feliz e no momento estou tentando ignorar meu padrasto (que a partir de agora será chamado de Gigante), lá-lá-lá. O Gigante está bufando e resmungando na cozinha, e eu sei que ele quer que eu pergunte o que está acontecendo, mas não vou fazer isso, porque ele é um maluco completo (essa expressão também é da Alyssa — ela é muito criativa linguisticamente) e ninguém deveria ter que lidar com malucos completos antes de uma dose de cafeína.

O Gigante está irritado.

— Onde está meu almoço? — ele resmunga, agora mais alto, enquanto vasculha a geladeira.

Esse é o dia em que minha vida vai mudar. Mas não sei disso ainda, claro. Não tenho ideia do que me espera. Do que *você*, Gavin,

está preparando para mim. Só sei que o Gigante está estragando meu devaneio e que preciso de café, mas não posso tomar, porque eles disseram que não. Tudo é “Porque dissemos que não”.

O Gigante joga a lancheira sobre a bancada e a abre. Só então me dou conta de algo que esqueci de fazer ontem à noite, antes de ir para a cama.

Fecho os olhos e imagino um coro de teatro grego sacudindo os punhos no ar por mim (*Ah, que tragédia! Que tragédia!*), porque essa leve infração pode comprometer todo o meu fim de semana.

— Desculpe — balbucio. — Me esqueci de preparar.

Abaixo a cabeça com vergonha. Sou uma imagem da Fêmea Contida e Submissa, porque é isso que o Gigante quer ver o tempo todo. Mas é só fachada.

Por dentro, onde ele não pode ver, não importa o quanto tente, penso: “Dane-se, faça seu próprio almoço, e aproveite para lavar o próprio carro e a própria roupa, principalmente as cuecas, e posso, por favor, não ter mais que limpar seu banheiro, porque seus pelos púbicos me enjoam?”.

Faço o papel da garota derrotada e intimidada porque tenho medo. Pavor, na verdade. A pouca liberdade que tenho é como uma peça delicada de vidro. Uma leve pressão pode estilhaçá-la em milhões de pedaços. Nem sempre foi assim. Antes de minha mãe se casar com o Gigante, havia alegria em nossa casa, festas, aventuras. Agora não. Vivo em um reino governado por um tirano que deseja me destruir.

O Gigante xinga em voz baixa e eu tenho vontade de dizer: “Você não vai morrer se fizer seu próprio sanduíche, porra”. Sério. Pão, peru, mostarda e queijo. Pronto, você tem um sanduíche. Nossa!

Ouçõ uma porta se abrir no corredor. Minha mãe entra com sua própria versão de Fêmea Contida e Submissa. Ela enxerga su-

jeira onde ninguém mais vê, acha que em cada esquina há um desastre esperando. Acredita que a morte se esconde nas rachaduras entre os ladrilhos, nos rodapés, no vaso sanitário. Ela está doente.

— O que está acontecendo? — minha mãe pergunta, alternando o olhar entre mim e o Gigante. Seus lábios se curvam para baixo quando ela me encara como se eu fosse uma decepção. Não são nem oito horas da manhã.

— Sua filha não preparou meu almoço *de novo*, e eu vou ter que gastar dinheiro comendo fora *de novo*, é isso que está acontecendo. — Ele olha para mim e quase posso ouvir seu pensamento: “Você não é minha filha, queria que fosse embora da minha casa para sempre”.

— Espero que não ache que vai ao cinema na sexta com a Natalie e a Alyssa — o Gigante acrescenta.

Que surpresa. Me deixa adivinhar: vou ter que ficar de babá.

Não me entenda mal: mesmo que Sam seja metade Gigante, eu o amo muito. É bem difícil odiar uma criança de três anos. Ele não tem culpa de ter um pai desses, assim como não tenho culpa se meu pai foi (e talvez ainda seja) viciado em cocaína, mora em outro estado e esquece meu aniversário todo ano.

Minha mãe me encara irritada e passa por mim sem dizer nada. Ela acaricia o braço do Gigante, depois pega uma caneca para tomar café. Está escrito “Mãe nº 1” na caneca, o que é irônico. Queria que as pessoas que fazem essas canecas fossem mais realistas. Tipo, por que não existem canecas que dizem “Antes ela era uma mãe legalzinha, mas depois do segundo casamento parou de se importar com os filhos”? Sei que são muitas palavras, mas com fonte tamanho doze com certeza caberiam em uma caneca.

O Gigante não se contenta em apenas passar por mim para sair: ele *me empurra* no processo, batendo em mim com o ombro como se fosse um jogador de futebol americano, de modo que sou jogada

contra a parede e bato as costas no canto. A dor sobe por minha coluna. Ele nem percebe. Ou talvez perceba. Cretino. Assim que sai e bate a porta, minha mãe se vira para mim.

— O que eu falei sobre terminar suas tarefas? — ela pergunta. — Estou ficando cansada disso, Grace. Primeiro você não lava a louça direito, depois esquece o almoço do Roy ou não guarda os brinquedos do Sam. — Ela levanta o dedo para me ameaçar, como os ditadores fazem. — É melhor dar um jeito, mocinha. Você está por um fio.

Segundo ela, estou sempre por um fio. É o resumo da minha vida. No limite, prestes a se romper, incerta.

Ela nem precisa me dizer o que vai acontecer se esse único fio que me segura se romper. Meu pai prometeu ajudar a pagar o acampamento de teatro do Centro de Artes Interlochen, em Michigan, que oferece cursos incríveis. Tenho economizado feito louca, trabalhando dobrado no Honey Pot aos fins de semana para contribuir com as centenas de dólares necessárias para me livrar desse inferno suburbano por algumas semanas no verão.

Abaixo mais a cabeça e me transformo na Filha Humilhada. Ela é a prima mais cansada da Fêmea Contida e Submissa. Se estivéssemos em um musical, a Filha Humilhada ia se virar para o público para cantar algo como “Eu tive um sonho”, de *Os miseráveis*. Não sobraria um olho sem lágrimas na plateia.

— Desculpa — digo de novo, com a voz suave.

É necessário ter muita força de vontade para não deixar a frustração dentro de mim transparecer na minha voz, na minha boca, nas minhas mãos. Para permanecer no papel de Filha Humilhada, fico encarando meus coturnos rosa-bebê, porque baixar o olhar transmite a ideia de que você não vale nada e faz a outra pessoa se sentir bem consigo mesma, o que aumenta a possibilidade de que ela seja bondosa. Você uma vez me perguntou qual era a das

minhas botas, e eu contei que as encontrei em um brechó no Sunset Boulevard e tive certeza absoluta de que a garota que as usara antes de mim era do tipo que escrevia poesia e dançava Ramones. Quando as uso, me sinto muito mais artística. “Betty e Beatrice são minhas almas gêmeas em forma de calçados”, eu disse, então você me perguntou se eu dava nome para todos os meus sapatos, e eu respondi “Não, só para estes”, e você disse “Que demais”, então o sinal tocou e eu fiquei pensando naquela conversa que durou dois segundos pelo resto do dia. Portanto, apesar de minha mãe ser odiosa esta manhã, meus sapatos me deixam mais animada. Quer dizer, tudo vai ficar bem, contanto que existam coturnos cor-de-rosa no mundo. Um dia vou te dizer exatamente a mesma coisa e você vai me puxar para perto e dizer “Eu te amo tanto”, e eu vou me sentir incrível.

— “Desculpa” — minha mãe repete, com desdém. — Se eu ganhasse cinco centavos toda vez que você diz isso... — Ela olha para o relógio. — Anda logo, ou vai se atrasar.

Pego a bolsa e uma blusa, o suficiente para o inverno da Califórnia. Considero bater a porta ao sair, mas as coisas não terminariam bem para mim, então a fecho com cuidado e saio correndo antes que minha mãe consiga pensar em mais algum motivo para ficar zangada comigo.

Preciso me animar. Agora. Não posso deixar que meu dia continue assim. Preciso deixar o que aconteceu para trás.

A Roosevelt, escola onde estudo, fica a menos de dez minutos a pé. Ponho os fones e caminho ouvindo a trilha sonora de *Rent*, provavelmente a melhor coisa que os anos 90 produziram. Ela me leva a Nova York, a um grupo de amigos boêmios, ao meu futuro. Algumas pessoas correm ou meditam quando estão estressadas, mas eu vou ao Village. Me imagino andando pelas ruas da cidade, passando por latas de lixo lotadas, ratos apressados, lojas descoladas

e cafés. Com gente por todo lado. Cercada de prédios de tijolos aparentes e saídas de emergência, entrando no metrô e passando por baixo da cidade a caminho do Nederlander Theater, onde vou dirigir uma peça ou musical. Talvez até mesmo uma remontagem de *Rent* na Broadway. Quando chego na escola, sinto a música vibrando dentro de mim (“*Viva la vie Bohème!*”). Minha mãe, o Gigante, os problemas em casa e a tristeza são substituídos por minha verdadeira família, os personagens de *Rent*: Mark, Roger, Mimi, Maureen, Angel, Collins e Joanne. Estou bem. Por enquanto.

Assim que entro na escola, fico atenta a você. Seria difícil passar despercebido.

Você é como Maureen, de *Rent*: *Desde que eu cresci, todos os olhos são para mim — fêmeas, machos, não importa, baby.*

Você tem essa aura descolada que faz as pessoas quererem se curvar aos seus pés, te acender uma vela. Santo Gavin. Você deixa um rastro de estrelas. Sempre que passa, juro que vejo faíscas saindo. O ar crepita. Fica agitado. Você rouba todo o oxigênio e eu fico tentando respirar, ofegante. No cio.

Quero roubar o caderno de couro que você carrega o tempo todo. Há letras de música, poesia e talvez desenhos ali. Tudo com a sua caligrafia, que eu nunca vi, mas que imagino que seja surpreendentemente bonita. Se eu pudesse, entraria no banco de trás do seu Mustang antigo de bad boy e ficaria esperando que você me agarrasse, ou pelo menos cantasse uma música para mim. Não me canso do seu andar, do seu cabelo preto perfeitamente desganhado. Da camiseta desbotada do Nirvana e do jeans de cintura baixa, do chapéu preto sem o qual nunca te vi. Você tem esses olhos absolutamente frios, tão azuis que fico esperando ver ondas neles, ou até geleiras. E um olhar impenetrável, como se tivesse um milhão de segredos trancados dentro de si. Quero a chave para eles.

Gosto de quando está tocando violão, inclinado para a frente, com o pé esquerdo um pouco adiante do direito, as mãos fortes dedilhando magia no ar, atento à música que sangra dos dedos longos e finos. E de sua voz: rouca e doce ao mesmo tempo, um pouco Jack White, um pouco Thom Yorke. As músicas que escreve são como poesias. Você fecha os olhos, abre a boca e alguma coisa começa a girar dentro de mim, cada vez mais rápido, de modo que eu seria capaz de fazer tudo o que me pedisse. Quando canta, imagino meus lábios junto aos seus, sua língua em minha boca, suas mãos em todos os lugares.

Você é a coisa mais exótica que existe nesta porcaria que chamamos de cidade. Um deus do rock abandonado pelo destino cruel em um ponto remoto do subúrbio, onde é mais quente que o inferno. Gosto de pensar que, como uma garota de Los Angeles que foi obrigada a se mudar para cá, de certo modo entendo você melhor que os outros. Sei o que é ouvir buzinas, helicópteros, música a qualquer hora da noite. Sei como é correr por estradas repletas de placas de neon e encontrar grafites nos lugares mais improváveis. Sei como é se sentir vivo. Você quer tudo isso, dá para ver. Olha para o que nos cerca do mesmo modo que eu: em um desespero silencioso.

Birch Grove tem um ar de novidade que só existe em cidades pequenas da Califórnia — centros comerciais brotando como cogumelos, escolas e condomínios residenciais onde antes havia campos de morango ou milho. Embora tenha uma Target e uma Starbucks, também acontece um rodeio anual na cidade. Há um único brechó e o shopping é o lugar mais triste do mundo. A pior parte é que tudo aqui é igual — as casas, as pessoas, os carros. Não há ânimo. Não há imprudência.

Odeio Birch Grove.

Uma das poucas coisas de que *gosto* é a escola: o teatro, a dança, a professora de francês, que é meio egípcia e fuma cigarros com-

pridos e finos atrás do ginásio. E gosto da escola em si, dos prédios. É aconchegante, tem uma dimensão humana que me dá a sensação de um segundo lar. Amo o terreno aberto e ensolarado, o gramado enorme no centro, a arena externa com palco coberto que parece uma miniatura do Hollywood Bowl. É uma escola californiana idílica, embora eu às vezes deseje estar em um internato na Costa Leste com tijolos cobertos de hera. Nesse caso, usaria cardigãs e teria um namorado chamado Henry que jogaria lacrosse e seria filho de um médico mundialmente famoso. É o tipo de mundo de que nunca vou fazer parte.

Quando a srta. B me escolheu para ser diretora de cena e escolheu você para ser o protagonista de *A importância de ser prudente*, corri para casa e fiquei dançando sozinha no meu quarto. Eu queria me agarrar a você e dizer: “Meu próprio Prudente!”. Foi essa a felicidade que senti só em saber que ficaria a poucos metros de você todos os dias depois da aula, durante seis semanas. Mas poucos metros pareciam muito. Eu queria que fossem centímetros. Milímetros. Você me abraçou uma vez, riu de uma de minhas raras tentativas de piada. Aceitou o chiclete que te ofereci. Sorriu para mim no corredor. Sabia que tem o sorriso torto perfeito, meio sarcástico, todo enigmático? É claro que sim.

Eu te perguntei uma vez como alguém que é um deus do rock à noite vira um cara do teatro durante o dia, e você me disse que fez o teste para *Cantando na chuva* (quando eu estava no nono ano) por causa de uma aposta, então quando conseguiu o papel principal sua mãe te obrigou a aceitar. E você amou. Fico me perguntando se rockstars não são no fundo filhinhos de mamãe que gostam de sapateado.

Eu te amo, Gavin. E talvez do modo mais superficial possível. Não aguento quando você tira o chapéu e passa os dedos pelo cabelo. Ou quando vai para a aula com as mãos nos bolsos. Fico imagi-

nando se, caso as tirasse deles e as colocasse na minha pele, eu sentiria os calos que ganhou depois de todas as horas sozinho no quarto, tocando violão. Seus dedos seriam quentes ou frios? Quero saber qual é a sensação de ter a palma de sua mão junto à minha, como Romeu e Julieta: “Beijam-se os palmeirins tocando mão e mão”.

Ainda não consigo acreditar que, quando me vê nos corredores, você diz “oi”. Acha legal eu querer ser diretora, então nunca tive que sofrer aquela separação que normalmente existe entre elenco e equipe. O fato de minhas melhores amigas fazerem parte do espetáculo ajudou. Conversamos sobre filmes e quem são meus diretores preferidos (Julie Taymor e Mike Nichols). Falamos sobre música e quem são suas bandas preferidas (Nirvana e Muse). Respiro você como se fosse ar.

Não te vejo a caminho da primeira aula, francês, que escolhi para poder conversar com meu futuro amante (François, Jacques?). Natalie e Alyssa acham que sou esquisita. Minhas melhores amigas fazem aula de espanhol, que, como diz o Gigante, pode ser usado no mundo real (como se a França não fizesse parte do mundo real). Tenho um pouco de dificuldade de me concentrar no que a madame Lewis diz, no entanto, porque é Dia dos Namorados e, embora eu esteja usando minha camiseta com “*Je t’aime*” escrito, saia rodada rosa-choque e meia-calça vermelha, não tenho namorado e estou extremamente deprimida.

— *Bonjour, Grace* — a madame me diz. — *Ça va?*

— O quê? Ah, hum. *Oui, ça va.*

Você deve saber que nunca passei um Dia dos Namorados com um namorado. Ou termino antes ou começo a namorar depois. E estou me referindo ao único namorado que já tive, Matt Sanchez, no nono ano. Isso está se tornando um problema maior agora, essa coisa de não ter namorado no Dia dos Namorados. Antes do ensino médio, bastava me entupir de coisas em formato de coração com

minhas amigas e assistir a *Shakespeare apaixonado* pela milionésima vez, mas no momento Natalie está tentando esquecer o cara que conheceu no acampamento da igreja durante o verão passado e qualquer coisa romântica a deixa superdeprimida, então prefere passar o dia em branco. Alyssa se recusa a participar das minhas comemorações porque diz que o Dia dos Namorados é uma conspiração capitalista sustentada por corporações desalmadas que se aproveitam de mulheres que se submetem ao ideal romântico.

Então tá.

Se você fosse meu namorado, aposto que escreveria uma música para mim ou, sei lá, talvez me desse alguma coisa feita com suas próprias mãos. Não me parece um cara que daria flores e chocolate. Assaria biscoitos, que sairiam queimados, mas eu adoraria mesmo assim, ou talvez escrevesse uma carta de dez páginas com todas as razões pelas quais me adora. Essas duas opções são totalmente aceitáveis.

Estou morrendo de curiosidade de saber o que você vai dar para a Summer. O que ela vai te dar. Vocês estão juntos há um ano, então aposto que vai ser alguma coisa especial. Ela está no último ano, como você. É uma ruiva de tirar o fôlego que, não sei como, faz com que estar no coral da escola seja algo legal. Gostaria de acreditar que, se as coisas fossem diferentes, você ia me escolher, mas basta dar uma olhada em Summer para desistir da ideia. Minha mãe diz que tenho um rosto interessante, mas essa é apenas uma forma educada de dizer que não sou bonita. “Sinto muito”, ela diz, “você puxou à família do seu pai.”

O sinal toca e vou para a segunda aula — redação com o sr. Jackson. Os corredores estão lotados e não param de sair alunos das salas. Ando na ponta dos pés, procurando seu chapéu, mesmo que diga a mim mesma que não estou te perseguindo. Normalmente te vejo quando estou indo para a aula de redação, porque você tem

aula na sala em frente à minha. Mas hoje você não está em lugar nenhum.

Afundo na cadeira, conformada, assim que o último sinal toca. Você deve estar com Summer, matando aula, todo apaixonado.

O sr. Jackson apaga as luzes para podermos assistir ao final da versão de *Romeu e Julieta* de Baz Luhrmann, que começamos a ver há alguns dias. É bem impressionante, com Leonardo DiCaprio jovem, muito gato. Mas você é melhor, sem sombra de dúvida.

Quando sobem os créditos, metade da turma finge que não está chorando porque Romeu e Julieta morreram. Todo mundo *sabia* que ia acabar mal, mas, mesmo assim, é de cortar o coração ver acontecer.